

## UM OLHAR PARA O PASSADO: YOSANO AKIKO E A INFLUENZA ESPANHOLA DE 1918-1920

### Donatella Natili



Donatella Natili é professora adjunta de literatura japonesa da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Literatura Japonesa Moderna e Contemporânea pelo Departamento de Teoria Literária da Universidade de Brasília (UnB), realizou pós-doutorado na Universidade Waseda, Japão (2014). Possui Mestrado em Literatura Japonesa pela UnB (2005), Especialização em Literatura Moderna Japonesa pela Universidade Meiji de Tóquio (1992) como bolsista do Ministério da Educação do Japão. Tem experiência na área de Mídia, Tradução, Ensino da Cultura e Literatura Japonesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura japonesa moderna e contemporânea, Poesia japonesa moderna, Estudos de gênero, Cinema e literaturas comparadas. É autora e tradutora de *Descabelados* (2007), uma seleção de poemas de Yosano Akiko.

E-mail: donatella.natili@gmail.com

### Resumo

A poetisa Yosano Akiko, ao longo de sua fértil e bem-sucedida carreira literária, destacou-se também como observadora perspicaz da sociedade, expressando suas ideias em muitos ensaios críticos que fascinam o leitor por sua linguagem refinada, associada a um pensamento lógico. Este artigo apresenta algumas de suas reflexões, registradas em três ensaios publicados durante a pandemia de influenza espanhola em 1918-20. As observações de Akiko chamaram a atenção da mídia japonesa neste ano da doença causada pelo novo coronavírus, a Covid-19, e fascinam o leitor pela semelhança com a situação que vivemos hoje.

### Palavras-chave

Pandemia, Japão, literatura japonesa, Yosano Akiko

## Um olhar para o passado: Yosano Akiko e a influenza espanhola de 1918-1920

Há um ano atrás, o mundo foi atingido pela pandemia causada pelo novo coronavírus, a Covid-19, e, no meio da emergência sanitária, o nosso olhar tem se voltado para o passado em busca de analogias com a difícil situação que estamos atravessando. Reavivou em nossa memória a lembrança da peste negra de 1346, ou da peste bubônica de 1630. Mas, sobretudo, lembramo-nos de que o 1900 foi o século da mais terrível epidemia da história, chamada impropriamente de *influenza* espanhola. De fato, a *influenza* começou nos Estados Unidos e acabou se transmitindo aos soldados que estavam partindo para a Europa. A Espanha, que não participava da guerra, e portanto sem a censura dos países beligerantes, foi o primeiro país a dar a notícia do contágio que, em duas ondas entre 1918 e 1920, devastou a Europa e o mundo.

A literatura europeia de 1900 registrou esses acontecimentos em obras como *A peste*, de Albert Camus, ou *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, nas quais a fragilidade da alma humana e sua relação com o mundo são desvendadas por meio da metáfora da contaminação.



Há 100 anos, no Japão, o uso da máscara foi recomendado na prevenção da gripe espanhola.

No Japão, entre os sétimo e oitavo ano da era Taishō (1912-1926), o contágio da *influenza* espanhola atingiu mais de 40% da população, causando cerca de quatrocentos mil vítimas.

A literatura japonesa moderna tem descrito, também, direta ou indiretamente, o impacto dessa terrível epidemia, tanto em nível social ou comunitário quanto em nível individual e das relações humanas, como experiência de sofrimentos e de perdas.

Para dar alguns exemplos, no longo romance autobiográfico *Nobuko* (1926), da escritora Miyamoto Yuriko (1899-1951), a protagonista viaja para Nova Iorque, onde se contagia com o vírus da *influenza* espanhola e é internada em um hospital.

O escritor Shiga Naoya (1883-1971), na coletânea de contos *Ryūko Kanbō* (*Epidemia de gripe*), publicada em 1919, reflete, com seu estilo original e de forma tocante e profunda, sobre o significado da vida e da morte diante da rápida difusão da doença e da perda de tantas pessoas.

Mais tarde, Mushanokoji Saneatsu (1885-1976) escreveu o romance *Ai to Shi (Amor e Morte, 1939)*, no qual descreve, de forma melodramática, a reação do protagonista ao saber da morte da própria namorada, por *influenza*<sup>1</sup>.

No ano passado, o Museu de Kikuchi Kan, na cidade de Takamatsu, dedicado ao escritor e crítico literário<sup>2</sup> homônimo, tornou público um conto seu de 1918 intitulado *Masuku (A máscara)*<sup>3</sup>. O protagonista, “um homem forte e de aparência saudável, mas que, na verdade, tem os pulmões e o coração fracos”, corresponde, com muita probabilidade, ao próprio Kikuchi. Essa breve narrativa impressiona o leitor pela semelhança com a nossa atualidade, sobretudo a descrição da ansiedade e da preocupação do protagonista diante da disseminação da pandemia, com a necessidade do distanciamento físico e do uso das máscaras.

Todavia, entre as obras japonesas que têm mais chamado a atenção do público depois que a pandemia por Covid 19 chegou ao Japão, destacam-se três ensaios da poetisa Yosano Akiko (1878-1942)<sup>4</sup>, publicados entre 1918 e 1920 no jornal comercial *Yokohama Bōeki Shinpō*.

O primeiro desses ensaios, *Kanbō no Toko (De cama com a gripe)*, publicado em 7 de novembro de 1918), mostra a visão perspicaz de Akiko sobre as medidas adotadas pelo governo japonês no combate à pandemia de *influenza* espanhola que havia chegado ao país. O segundo, *Shi no Kyōfu (Medo da morte)*, de 23 de janeiro de 1920), escrito quando o Japão foi atingido pela segunda onda da mesma *influenza*, é uma reflexão mais introspectiva e filosófica sobre seu papel de mãe e sua determinação em lutar pela vida. Enfim, em *Eisei to chiryō (Higiene e Tratamento)*, de outubro de 1920), Yosano Akiko, no eclodir da terceira onda, escreve sobre as medidas higiênicas que podem ser adotadas individualmente para se proteger do contágio, uma vez que o governo já fizera tudo que estava a seu alcance<sup>5</sup>.



Yosano Akiko (1878 – 1942)

---

<sup>1</sup> KŌNO, Kensuke; KIBUN, Kim. **Bungotachi no Spain Kaze**. Tokyo: Kōseisha, 2021, p.181-194.

<sup>2</sup> Kikuchi Kan (1888-1948) foi um intelectual muito ativo no início de 1900. Fundou a Casa Editora Bungeishunjū e sua revista, da Associação dos Escritores Japoneses. Foi também o criador dos prêmios literários mais importantes do Japão, o prêmio Akutagawa e o prêmio Naoki.

<sup>3</sup> Cfr. em <https://www.city.takamatsu.kagawa.jp/kurashi/kosodate/bunka/kikuchikan/kikuti.files/mdf>.

<sup>4</sup> Os dois ensaios são acessíveis em e-book. Cfr. Yosano, Akiko. *Kanbō no Toko*. Tokyo: Voyager. 2020. [また恐ろしい流行感冒の人喰鬼が目覚ます季節となりました。]

<sup>5</sup> [また恐ろしい流行感冒の人喰鬼が目覚ます季節となりました。] em e-book. Cfr. YOSANO, Akiko. *Kanbō no Toko*. Tokyo: Voyager, 2020. [また恐ろしい流行感冒の人喰鬼が目覚ます季節となりました。]

Yosano Akiko é reconhecida como poeta de tankas e versos livres, mas foi também uma intelectual pública e educadora, além de traduzir em língua japonesa moderna obras clássicas como o *Genji Monogatari* (século X). Sua produção e versatilidade são simplesmente impressionantes. Ao longo da sua intensa existência, a poetisa publicou mais de setenta livros, entre volumes de poesia, ensaios, romances e contos de infância. Trabalhou incansavelmente para a causa da educação feminina, e ajudou a fundar uma escola para meninas, o Bunka Gakuin (Academia da Cultura), em 1921. O seu poema em versos livres mais reconhecido, *Yama no ugoku hi* (*O dia em que as montanhas se movem*, 1911), publicado no primeiro número da revista *Seitō*<sup>6</sup>, se tornou o anátema do primeiro movimento feminista japonês<sup>7</sup>:

Chegou o dia em que as montanhas se movem  
Falo, mas ninguém acredita em mim  
Por um tempo as montanhas ficaram adormecidas  
Mas, antigamente, elas dançavam com o fogo  
Não importa se acreditam nisso, meus amigos  
mas, creiam no seguinte:  
todas as mulheres que dormiam  
agora acordaram e se movem

Da mesma forma, o poema lírico *Kimi Shinitamou koto nakare* (*Por favor, irmão, não morra*, 1904), dedicado ao irmão mais novo, soldado na Guerra Russo-Japonesa (1904-05), foi musicado e tornou-se um hino de protesto contra a guerra<sup>8</sup>.

Ainda hoje, Yosano Akiko é considerada a mais importante poetisa moderna que encarnou os ideais românticos, pacifistas e feministas de início do século XX no Japão. Fala-se, às vezes, em “Época de Akiko” para indicar esse período.

Sua fama não se deve apenas à poesia passional, inspirada pelo amor ao marido, Yosano Tekkan (1873-1935), ele também poeta, mas, sobretudo, a seu papel de intelectual pública e crítica social. Inspirando-se nas mulheres de época Heian (794-1185) – como Murasaki Shikibu, Sei Shonagon e Izumi Shikibu, Akiko sempre defendeu a independência feminina, bem como a busca de sua própria identidade, para além dos papéis tradicionais de uma mulher à época.

Como escreveu Janine Beichman, a pessoa romântica e visionária que se expressa por meio de sua poesia é apenas um lado de Yosano Akiko<sup>9</sup>. Ela foi também esposa e mãe, dando à luz treze filhos, onze dos quais sobreviveram até a idade adulta. Contudo, foi graças à sua escrita e às aulas de literatura clássica que

---

<sup>6</sup> Literalmente *Meias Azuis*, era uma revista literária fundada em 1911 e publicada até 1915 por Hiratsuka Raicho (1876-1971). Dela participaram as mais importantes vozes da literatura femininas da época, o que contribuiu para o despertar da consciência feminista no Japão. Cfr. Bardsley, 2007, p. 1-18.

<sup>7</sup> Cfr. YOSANO, Akiko. *Descabelados*. Tradução de Donatella Natili. Brasília: Editora da UnB, 2007. p. 15. Tradução desta autora.

<sup>8</sup> Para a tradução em língua inglesa do poema, cfr. Hamil; Matsui, 1997. p. 122.

<sup>9</sup> Cfr. Beichman, Janine. *Yosano Akiko and the Influenza pandemic of 1918-21*. 29 jul. 2020, p.2. Nippon.com. Disponível em: <https://bit.ly/3dJRYJ6>. Acesso em: 24 fev. 2021.

conseguiu sustentar a família, no momento em que a fama de Tekkan se eclipsou e ela não pôde mais contar com seu apoio. Entre 1918-19, no pico da primeira onda da pandemia, Akiko participou do famoso *Bosei hogo ronsō* (*Debate sobre a Proteção da Maternidade*), publicado nas páginas de *Seitō*, juntamente com Hiratsuka Raicho, Yamakawa Kikue e Yamada Waka. Nele se dizia contrária à independência das mães graças ao apoio do Estado, pois, segundo ela, depender do Estado seria a mesma coisa que depender dos homens (TOMIDA, 2004, p. 254).

Nesse mesmo período, a *influenza* chegou a sua casa, como ela escreve na primeira parte de *Kanbō no Toko*:

Dizem que a epidemia circula no mundo inteiro. O progresso dos meios de transporte fez com que essa *influenza* se tornasse global. É realmente muito impressionante como é rápida sua difusão. Logo que um dos meus filhos se contaminou na escola, na família ficamos todos doentes, um atrás do outro. Os únicos que não adoeceram foram os dois meninos que no verão foram para a praia de Bizen. Que efeito extraordinário deve ter tomar banho de mar! Em Osaka como em Tóquio, muitas pessoas perderam a vida pela pneumonia causada pela *influenza* (YOSANO, 1918, p. 5)<sup>10</sup>.

A poetisa impressionou-se com a agressividade do vírus, cuja disseminação não podia ser explicada apenas pelo progresso dos transportes em nível global. O risco de morte por pneumonia se tornara tangível, e era preciso tomar uma atitude antes que fosse tarde demais:

Após dias de debates, quando foi finalmente decidida a suspensão das aulas em todas as escolas maternas e primárias, as crianças já estavam quase todas contaminadas. Embora cada escola tenha o apoio de um ambulatório médico, me pareceu que tenha havido uma grande falta de atenção à prevenção sanitária e às medidas emergenciais. Se não explodem as revoltas pelo arroz, a burguesia não entende as privações da população por causa do aumento dos preços. Se não veem estudantes morrerem de frio, o sistema educativo não entende o perigo das excursões de montanha, que são tão populares mas não têm nada de científico (YOSANO, 1918, p. 30. Tradução desta autora).

O que mais nos surpreende nessas palavras é como elas se aplicam ao nosso cotidiano atual em relação à Covid-19 e às atitudes que nos cercam.

A contagiosidade do vírus, prossegue Akiko, provocará danos irreparáveis na economia, pois as pessoas não apenas prejudicam a saúde, como acabam perdendo a capacidade de trabalhar. Os jornais e as autoridades médicas alertam para que não se frequente lugares lotados. Mesmo assim, com toda sua indignação, ela se pergunta:

Por que o governo, para conter esse perigo, não se apressa a impor o fechamento temporário de lugares frequentados por muita gente, como lojas, escolas, teatros, fabricas e exposições? Por falta de coesão entre as instituições sociais, quantas pessoas sofrerão uma desventura que poderia ter sido evitada? (YOSANO, 1918, p. 17. Tradução desta autora).

---

<sup>10</sup> Tradução desta autora. Os textos dos três ensaios de Yosano Akiko doravante citados foram traduzidos diretamente da língua japonesa por esta autora.

Em seguida, com seu espírito prático e humanista, a poetisa trata do aspecto clínico e terapêutico da *influenza* e sua preocupação com as pessoas de extrato social mais humilde, que não podendo adquirir os remédios eficazes, porque muito caros, não conseguem se curar. Ela sugere, então, com muita perspicácia, que o setor público e privado colaborem entre si para que haja um tratamento disponível para todos.

No final do ensaio, revelando seu espírito democrático e de justiça, a poetisa conclui com uma citação do filósofo chinês Liezi, que diz: “A igualdade é o bem mais precioso do mundo” (YOSANO, 2020, p. 73. Tradução desta autora).

Com essas observações feitas há exatamente cem anos, Yosano Akiko nos faz refletir sobre a responsabilidade do Estado e da sociedade em geral com a saúde de todos os cidadãos. Em particular, ela aponta claramente a falta de ação do governo como um fator de agravamento da pandemia.



A família Yosano, com Akiko no centro, em 1912.

A quase dois anos de distância temporal do primeiro ensaio, no início da segunda onda da pandemia por *influenza* espanhola, Akiko publicou *Eisei to Chiryō* (*Higiene e tratamento*, outubro de 1920), que começa com a frase “Voltou novamente à estação em que o terrível ogro da *influenza* acorda” (Yosano, 2007, p. 139). Aqui a autora oferece conselhos práticos de uma pessoa que cuida, com espírito pragmático, da própria casa e preza a saúde de toda a comunidade. Antes de tudo, ela sugere uma boa alimentação para aumentar a imunidade, depois fazer gargarejos várias vezes ao dia, mesmo no trabalho, e especialmente na volta para casa, após ter frequentado lugares lotados. Ainda, ela revela ter recebido injeções regulares de seu médico. Essa espécie de vacinações, embora não tivessem ainda a aprovação dos especialistas, sem dúvida foram eficazes, pois nem na sua casa nem nas dos outros pacientes apareceram casos de *influenza*. Como podemos observar, naquela época os tratamentos não eram muito diferentes dos disponíveis nos dias de hoje (Yosano, 2020).

Finalmente, em *Kyōfu no Shi (Medo da morte, janeiro de 1920)*, Akiko, diferentemente dos outros dois ensaios, mergulha em meditações filosóficas causadas pelo impacto psicológico decorrente da pandemia:

Recentemente a epidemia voltou com toda sua força. As pessoas saudáveis estão perdendo a vida em poucos dias. Diante desta triste realidade, refletimos sempre mais sobre a impermanência da vida e sobre a própria morte. Normalmente, os seres humanos pensam antes de tudo em como “viver melhor”; porém, nesse momento, como fazem os budistas, percebemos a impermanência da vida e nos lembramos da morte. Em volta de nós, a ameaça da morte é muito mais tangível do que a luta pela comida, que, nos últimos quatro ou cinco anos, devido ao aumento dos preços, tem consumido todos os trabalhadores, os quais tiveram que se esforçar para não passar fome (YOSANO, 2007, p. 80. Tradução desta autora).

Enquanto o contágio se difundia, em todo o Japão, e o percentual de mortos aumentava, o medo tomava conta das pessoas. Diante disso, Akiko parece conformada. Todavia, na parte central do ensaio, subitamente, reage com seu espírito indômito e sua coragem:

Somente em Tóquio e Yokohama estão morrendo quatrocentos pessoas por dia. Amanhã poderá ser nossa vez, mas, até o final, eu quero encontrar todos os meios para me salvar dessa morte não natural, erguendo ao alto a bandeira da “Vida” (YOSANO, 2007, p. 104. Tradução desta autora).

Em seguida, a poetisa afirma com veemência a importância de se cuidar e da vacina para se imunizar:

Ao escutar muita gente dizer que não quer se vacinar, sinto calafrios pensando o quão superficialmente algumas pessoas tratam a vida humana. Não há barbárie maior que negligenciar a própria vida. Na nossa família experimentamos vários tipos de tratamentos, e não deixamos alguns dos nossos filhos ir para a escola (YOSANO, 2007, p. 104. Tradução desta autora).

Akiko imagina qual seria a tragédia de seus filhos se ela morresse, e, lembrando os momentos em que arriscou a vida durante os partos, proclama mais uma vez sua determinação de fazer de tudo para sobreviver:

Ao escutar muita gente dizer que não quer se vacinar, sinto calafrios pensando o quão superficialmente algumas pessoas tratam a vida humana. Não há barbárie maior que negligenciar a própria vida. Na nossa família experimentamos vários tipos de tratamentos, e não deixamos alguns dos nossos filhos ir para a escola (YOSANO, 2007, p. 104. Tradução desta autora).

Todavia, para Akiko, os filhos eram apenas uma razão da sua vontade de viver. Como ela mesma declarou, nos momentos em que sua vida era ameaçada pela morte, do fundo da sua alma irrompe uma força vital misteriosa que lhe oferece inspiração poética e coragem para continuar a viver:

Quando os seres humanos se tornam pais, sentem o apego pela vida com uma densidade e cor novas. O amor que surge do próprio corpo é transferido aos nossos filhos e, através deles, se expande até alcançar toda a humanidade. Na medida que o amor se torna mais complexo, na sociedade surge a responsabilidade solidária (YOSANO, 2007, p. 117. Tradução desta autora).

O amor, que em todas suas formas, “move o sol e as mais estrelas”, como disse Dante Alighieri, torna-se para Akiko não apenas o tema fundante de sua obra como força motriz do mundo, mas o sentimento que guia suas escolhas, atenua seus medos e transforma sua poesia em um patrimônio universal.

E assim como concluiu Yosano no ensaio *Shi no Kyōufu*, também encerro aqui com suas palavras de bons presságios: “Desejo que essa pandemia passe em breve, e cada um de nós volte a pensar e trabalhar sem preocupação com a saúde” (YOSANO, 2020, p. 117. Tradução desta autora).

## REFERÊNCIAS

BARDSLEY, Jan. *The Bluestockings of Japan: New Women Essays and Fiction from Seitō 1911-16*. University of Michigan: Center of Japanese Studies, 2007.

BEICHMAN, Janine. *Yosano Akiko and the Influenza Pandemic of 1918-21*. 29 jul. 2020. Nippon.com. Disponível em: <https://bit.ly/3dJRYJ6>. Acesso em: 24 fev. 2021.

BERNSTEIN, Gail Lee. *Recreating Japanese Women, 1600-1945*. Berkeley: University of California Press, 1991.

HAMIL, Sam; MATSUI, Keiko. *River of stars: selected poems of Yosano Akiko*. Boston: Shanbala, 1997.

ISODA, Michifumi. *Kansenshō no Nihon*. Tokyo: Bungeishunjū, 2020.

KŌNO, Kensuke; KIBUN, Kim. *Bungōtachi no Spain Kaze*. Tokyo: Kōseisha, 2021.

MAKOTO, Ueda; Yosano Akiko. Em: *Modern Japanese Poets and the Nature of Literature*, Hawaii, Stanford | University Press.

TOMIDA, Hiroko. The controversy over the protection of motherwood and its impact upon the Japanese women's movement. Em: *European Journal of East Asian Studies*, v. 3, n. 2, p. 243-271, 2004.

YOSANO, Akiko. *Descabelados*. Tradução de Donatella Natili. Brasília: Editora da UnB, 2007.

YOSANO, Akiko. *Kanbō no Toko*. Tokyo: Voyager, 2020. E-book Kindle.